

O Terrorismo do Boko Haram e a política externa do Brasil.

Aldacir Rubinho Queiros Júnior¹
Augusto Sérgio Martins de Souza²
Camila Dutra Corrêa Leite³
Lucas Casemiro Brizon⁴

RESUMO

O terrorismo no século XXI, após os ataques ao World Trade Center, ressurgiu com destaque de todas as agendas de segurança internacional, e para entender este fenômeno, foram criadas diversas classificações conceituais. Entretanto, para entender o processo de formulação destes conceitos, é necessário compreender o ambiente pelo qual se desenvolve. O presente artigo tem por objetivo analisar o fenômeno terrorista na Nigéria. Tendo como questão norteadora a necessidade do entendimento deste fenômeno para a política externa brasileira, já que a Nigéria está localizada em uma das áreas prioritárias do foco de atenção da política externa brasileira, a costa do Atlântico Sul. Através da teoria de Mary Kaldor sobre as novas guerras, discutiremos se terrorismo é ou não é algo “novo” no ambiente tático – seja da insurgência ou da guerrilha – nos conflitos interestatais do século XXI. Entretanto, a antítese partirá da análise de Martha Creshaw sobre um “novo” ou “velho” terrorismo.

PALAVRAS-CHAVE: (Terrorismo, Contra-terrorismo, Violência, Nigéria, Boko Haram).

1 INTRODUÇÃO

Segundo os teóricos da literatura, que classificou os fenômenos nas agendas de segurança ao redor do globo, após o fim da Guerra Fria, as “Novas Guerras”. A violência não seria mais guiada pela racionalidade política, como apontava Clausewitz e sim, a violência seria guiada por ela somente.

Apesar das críticas a esta literatura, uma constatação procedia, o fim da lógica da dissuasão e da ameaça nuclear. Foi trazido ao mundo mais instabilidade, com uma série de atores que até então, não despontavam como foco dos assuntos sobre segurança. Eram todos classificados como fenômenos de uma guerra de baixa intensidade.

¹ Discente do 5º período de Relações Internacionais no Instituto Nacional de Pós-Graduação.

² Discente do 5º período de Relações Internacionais no Instituto Nacional de Pós-Graduação.

³ Discente do 5º período de logística no Instituto Nacional de Pós-Graduação.

⁴ Discente do 5º período de Relações Internacionais no Instituto Nacional de Pós-Graduação.

Em 2001, a sociedade mundial acompanhou o que seria o símbolo desta mudança. A queda das torres gêmeas em Nova Iorque, atentado terrorista planejado e executado por uma organização não governamental com uma racionalidade ímpar e com uma mensagem bem clara: as organizações terroristas usam a violência de forma política e racional.

O terrorismo é uma forma de violência que procura gerar um efeito psicológico desproporcional, aos danos causados por ataques violentos, com a intenção de causar reações emocionais como: incerteza, ansiedade e medo, num determinado grupo social, para que se possa condicionar e dirigir seu comportamento em uma determinada direção e tem, quase sempre, um objetivo político (REINARES, 1998).

A hipótese deste trabalho é o insucesso do governo nigeriano de lutar contra o Boko Haram. Resultado da incapacidade de sua leitura da forma, com que a violência é utilizada por este grupo.

O foco deste estudo é analisar como se dá o emprego do terrorismo e seu combate. A partir da análise dos conceitos de terrorismo estratégico e tático, antiterrorismo e contraterrorismo, violência política e racionalidade. Constatando assim, a validade da hipótese.

2 AS “NOVAS GUERRAS” E O TERRORISMO.

Com o fim da Guerra Fria, um intenso debate acadêmico formou-se. Na tentativa de estabelecer uma análise, de como as relações entre os Estados se transformariam diante do fim do sistema bipolar. Também, de como este novo cenário, afetaria as questões de segurança internacional. O objetivo deste item, é destacar a transformação do cenário, em que as guerras são travadas atualmente, por meio de um panorama da discussão acadêmica sobre o tema.

Os Estudos sobre Segurança Internacional, passou por uma mudança, que vem ocorrendo desde 1970. Com a estabilidade e maturidade alcançada nas relações entre os Estados Unidos e a União Soviética, houve um espaço para o desenvolvimento de abordagens acadêmicas. Indo além, do enfoque político-militar da agenda da segurança na época. Com o fim da Guerra Fria, a discussão em torno do conceito de segurança, desenvolveu-se de forma mais ampla, em uma tentativa de responder a questões provocadas a partir deste evento.

E, para tanto, foram estruturados dois eixos de pensamento que se articulam nesta tarefa. De um lado, os adeptos de uma abordagem ampliadora-aprofundadora. Em que, apontavam para a necessidade do deslocamento da concepção coletiva/estatal de segurança, para o estabelecimento do indivíduo como objeto de referência, para um novo modelo de segurança. De outro, os tradicionalistas argumentaram, que o Estado não perdeu seu *status quo* como objeto de referência central das questões de segurança. Muito além disto, o mundo pós-Guerra Fria necessariamente seria moldado pelas grandes potências, que guiariam

suas políticas para a maximização de seu poder, com o objetivo da sua sobrevivência na arena internacional⁵ (BUZAN,2012).

Além dos questionamentos sobre o comportamento dos Estados pós-Guerra Fria. Há, em especial, um debate acerca da transformação da natureza da guerra, diante do esmorecimento do modelo apresentado durante a Guerra Fria, que se baseava na lógica da dissuasão nuclear e das guerras por procuração. Este debate, tem sido parte de uma ampla discussão sobre o suposto declínio do sistema de Vestfália, que, como muitos argumentam, está conectado com a intensificação do processo de globalização (KALDOR,1999).

Na guerra tradicional, é bastante perceptível a sua institucionalidade. Cada oponente, em tempos de guerra, está regido por convenções internacionais que regulamentam desde o tratamento de prisioneiros de guerra, a diferença entre civis e militares – estes usando insígnias e uniformes – até os limites do uso da força. Assim, como, normatizando a utilização dos meios, de impor uma derrota ao oponente. Se até a Segunda Grande Guerra, as guerras eram provocadas e combatidas entre Estados. A partir de 1945, a guerra seria travada dentro do Estado, e sob um novo pretexto: a autodeterminação dos povos. As lutas pelas independências que marcaram a segunda metade do século XX, ocorridas na África e Ásia. Fizeram um novo tipo de luta, em que grupos políticos dentro de um território estatal, buscariam o rompimento com um governo considerado ilegítimo. Com a Guerra Fria, a natureza destes conflitos foi adormecida, em nome da dicotomia bipolar que durou até meados de 1989.

A partir do final da Guerra Fria, não havia mais uma estrutura capaz de manter a estabilidade nestas regiões. As minorias étnicas passaram a questionar os governos estabelecidos, por não os considerar legítimos e, aproveitando a fragilidade de alguns Estados, os conflitos intraestatais voltaram a proliferar. Por meio de estratégia de guerrilha e contrainsurgência, esses grupos procuravam o controle político de uma região. Buscavam também, além de suas fronteiras e a partir dos avanços tecnológicos e da globalização, transmitir seus valores e mobilizar apoio à causa.

No ano de 1999, Kaldor publicou uma obra sobre a natureza dos conflitos no século XXI. De acordo com a autora, as novas guerras são diretamente afetadas pelos processos de globalização. Intensificando-se, a partir da década de 1980. Implicando na mudança dos objetivos, no modo de fazer guerra, os atores envolvidos e a forma como são financiadas (KALDOR, 1999).

As novas guerras, seriam choques entre identidades políticas anteriores à formação do Estado. Estas remeteriam a características culturais e políticas, referentes à formação dos grupos, que comporiam o Estado e não mais as questões de política estatal.

Diferentemente da guerra tradicional, interestatal, em que forças militarizadas e institucionais tinham o objetivo bem-delineado, segundo

⁵ Uma interpretação realista do sistema internacional pós-Guerra Fria aponta que o Sistema Internacional multipolar com um estado hegemônico está mais propenso à guerra (MEARSHEIMER,2001).

Kaldor – fazer o inimigo se render, seguindo as análises de Clausewitz do que seria o objetivo de uma guerra. As novas guerras seriam caracterizadas como interestatais e extraestatais. Distantes do modelo de guerra tradicional, em que a luta só se dava por agentes estatais e que, no caso das novas guerras, a luta pode dar-se entre grupos privados, dentro de um território ou de um grupo estatal e um grupo nacional ou internacional.

Uma das críticas à obra de Kaldor surgiu de Hirst, que apontava que as características das “novas guerras” apontadas por Kaldor são consequências da era colonial ou de tratados de paz após a Primeira Guerra Mundial ou a partir da Guerra Fria. Que as raízes históricas da crise kosovar na antiga Iugoslávia é um exemplo disto (HIRST, 2000).

Recentemente, Munkler avaliou este debate. Ele argumenta que a distinção das “novas guerras”, repousa sobre uma coincidência de três tendências, cada uma das quais apareceram anteriormente, mas não em combinação. Em primeiro lugar, a privatização da guerra. Os Estados não são mais os monopolistas da guerra; os atores, que são concorrentes ao monopólio da violência dos Estados, aproveitaram cada vez mais a postura reativa destes. Em segundo lugar, Munkler credita o desenvolvimento das capacidades militares dos Estados. A assimetria com que as forças armadas ocidentais devem lidar ao enfrentar os atores tecnologicamente inferiores. Curiosamente, ele argumenta que a assimetria é uma norma histórica que acontece juntamente com a simetria política da ordem construída a partir do estabelecimento do modelo vestefaliano. Em terceiro lugar, Munkler argumenta que a guerra se tornou desmilitarizada, no sentido de que forças armadas regulares perderam tanto o controle como o monopólio da guerra. Há, segundo o autor, uma variedade de jogadores, cujo uso do uniforme nem sempre significa comprometimento com as leis – de origem europeia – de guerra (MUNKLER, 2007).

As mudanças no ambiente da guerra no pós-Guerra Fria articulou outras considerações além da terminologia “novas guerras”. Em seu livro *The utility of force*, o general Sir Rupert Smith forneceu uma análise que tem a finalidade de mostrar aos tomadores de decisão, como agir diante deste cenário pós-moderno. Inicialmente, Smith afirma que a guerra “não existe”, e que de fato ocorreu uma transformação de uma guerra industrial para uma guerra entre as pessoas (SMITH, 2005).

Durante a época da guerra industrial, produto das inovações napoleônicas e de militares prussianos, os recursos da Revolução Industrial e da nação eram utilizados para resolver os conflitos com seus homólogos, no campo de batalha por meio da lógica da estratégia decisiva, pois seria a guerra uma utilização racional da força para ganhar uma competição política, e esta continua a ser a razão desde o início do século XIX até o começo da Guerra Fria. Na medida em que a aplicação da ciência e da tecnologia na guerra industrial resulta na criação de armas nucleares, ficou vedado aos Estados usar a guerra como um instrumento racional da política para conseguir a vitória militar (SMITH, 2005).

Para Smith, alguns elementos da “guerra entre as pessoas” já se apresentavam na história militar. A ação da guerrilha espanhola durante

a ocupação francesa nas guerras napoleônicas, que foi amplamente apoiada pelos ingleses, é um indício da construção deste cenário. No entanto, as guerras intraestatais só se tornou a forma dominante de guerra após o fim da Guerra Fria (SMITH, 2005).

As diferenças estruturadas na abordagem apresentada por Smith estão baseadas em uma afirmação de que a lógica da guerra industrial é linear e a da guerra entre as pessoas é não linear e complexa e que, a partir desta consideração, os Estados deveriam estabelecer uma condição de vitória mais pragmática para suas forças armadas e outras instituições políticas diante dos meios dispostos para este fim.

3 O DEBATE DOS CONCEITOS SOBRE TERRORISMO.

Antes de analisarmos o *Boko Haram* conceitualizaremos o que é terrorismo, suas causas, métodos, objetivos e a racionalidade das ações terroristas. Este procedimento se faz necessário para sabermos se o grupo nigeriano pode ser chamado de terrorista ou é apenas um ator político que faz uso de uma forma de violência organizada⁶ para atingir seus objetivos. Este cuidado se deve ao fato da palavra terrorismo não ser neutra e ter uma carga negativa muito forte e por isso pode ser usada de forma instrumentalizada para deslegitimar e condenar as ações do adversário.

O terrorismo contemporâneo tem seu início em 1880⁷ (RAPAPORT,2002), embora alguns autores afirmem que este exista desde a antiguidade⁸. A partir deste ponto, podemos considerar o terrorismo como

“uma sucessão premeditada de atos violentos e intimidatórios, exercidos sobre a população não combatente e destinados a influenciar psicologicamente um número de pessoas muito superior que a soma de suas vítimas diretas, para alcançar assim algum objetivo, quase sempre político”(IBAÑEZ, 2006)

A definição apesar de útil é muito abrangente, pois não discrimina quem é terrorista nos grupos estatais e sub-estatais, que usam a violência indiscriminada com objetivos políticos.

Para podermos diferenciar os diversos grupos sociais que usam a violência indiscriminada temos, de analisar como o método terrorista é usado e sua importância na busca do objetivo político final. Se não fizermos isso podemos incorrer no erro de classificar grupos estatais e sub-estatais como terroristas, mesmo quando estes usam o terror sob a forma de assessoria e ou pontual. A fim de diferenciá-los utilizaremos o

⁶A violência organizada pode ser Guerra, Guerrilha e Terrorismo

⁷ O terrorismo contemporâneo surgiu na Revolução Francesa no período conhecido como O Terror.

⁸ Sobre o terrorismo anterior a 1880 Carr, Caleb Las Lecciones del terror e Aulestia, Kapa Historia general del Terrorismo e como posterior ver Haffman, Bruce A Mano Armada historia Del terrorismo e Ibañez, Luiz de la Corte, La Lógica Del Terrorismo

conceito de uso tático ou estratégico do terrorismo elaborado por Reinares em *Terrorismo y Contraterrorismo*.

O terrorismo é usado de forma tática por guerrilheiros e exércitos regulares, de forma complementar a outras classes de operações violentas. Os exércitos e grupos guerrilheiros dão preferência ao uso de outros recursos para atingir seus objetivos finais, e utilizam o terrorismo como uma ferramenta complementar. O terrorismo é usado de forma estratégica, quando certas organizações estatais e sub-estatais convertem o terrorismo em sua forma prioritária de ação política. O terrorismo é o único ou é o método preferencial para se atingir o objetivo final, como foram as ações do Estado jacobino francês em 1794 e das Brigadas Vermelhas da Itália em fins da década de 1960.

O uso deste conceito também permite apreender quando um grupo se torna terrorista ou deixa de sê-lo como no caso da Frente de Libertação Nacional (FLN) da Argélia. A FLN iniciou uma campanha de guerrilha em 1954 com o objetivo de conseguir a independência da França. Em 1955, a organização passou a priorizar os ataques a civis franceses nas cidades costeiras, tendo o intuito de chamar a atenção para a causa e desgastar a vontade francesa de permanecer na Argélia e diante dos poucos resultados e das sucessivas derrotas sofridas em campo ocorreu à diminuição deste tipo de ação e o incremento das ações urbanas. Com a derrota das células urbanas a FLN, em 1956, e dos altos custos internacional da campanha terrorista, a FLN voltou a priorizar a guerrilha, apesar de um dos objetivos da campanha, chamar a atenção da opinião pública mundial para a causa da independência argelina, tenha sido atingida (BURLEIGH,2008).

Esta diferenciação correlata do terrorismo fica mais claro quando analisamos o que distingue o terrorismo da guerra convencional e da guerra de guerrilha. Soldados e guerrilheiros procuram conquistar territórios e tem suas áreas delimitadas geograficamente. Os terroristas não procuram controle de território e não têm uma área geográfica específica de atuação. Os exércitos também procuram destruir a capacidade militar e industrial do inimigo e a guerrilha procura desgastar o inimigo até que esteja forte o suficiente para vencê-lo. O terrorismo usa a coerção psicológica e intimidação, através da violência indiscriminada, para conseguir seus objetivos pelo desgaste psicológico do adversário.

Agora podemos classificar um grupo terrorista como um grupo social que pratica de forma estratégica uma sucessão premeditada de atos violentos e intimidatórios, exercidos sobre a população não combatente e destinados a influenciar psicologicamente um número de pessoas muito superior que a soma de suas vítimas diretas, para alcançar assim algum objetivo, quase sempre político.

Para o surgimento de campanhas terroristas sustentáveis, há a necessidade da existência de precondições que inspire o desenvolvimento de intenções violentas, de ações precipitantes, o gatilho, e de um cálculo racional da oportunidade e de recursos que possibilitem a criação da organização terrorista, assim como a perpetração de atentados.

As precondições podem ser econômicas, uma má distribuição de renda, um baixo desenvolvimento econômico em toda a sociedade ou em parte dela; políticas, falta de legitimidade do Estado ou governo, repressão, falta de representação política de uma minoria, domínio estrangeiro; culturais quando existem etnias diferentes coexistindo no mesmo país onde uma delas controla o Estado; e religiosa. Estas condições sendo reais ou percebidas como tal não garantem o surgimento do terrorismo, embora alguns autores as considerem como o mote principal para o surgimento do terrorismo⁹. Se fosse assim qualquer Estado que reunisse pelo menos uma destas condições seria assolado por grupos terroristas. Estas condições meramente formam o caldo onde o terrorismo pode surgir.

As ações precipitantes são ações de Estado, ou de grupos sociais ou mesmo de um homem, em um ambiente de onde as condições existam ou são percebidas como existentes e que venha ocorrer uma radicalização ideológica que aumenta a probabilidade de surgir violência política. Com o aumento da violência política e o aparecimento de uma campanha terrorista podem ocorrer por conta de um agravo, como a morte em 1967 de um estudante que protestava contra a visita do Xá da Pérsia à Alemanha, ocasionando o surgimento da Fração do Exército Vermelho no seio do movimento estudantil, radicalizado pelo assassinato do jovem (VILLALBA,2004). O fracasso também pode ser um catalisador poderoso, como o ocorrido na Argélia, onde a anulação da vitória eleitoral do partido integralista islâmico ocasionou uma das mais sangrentas campanhas terroristas que se têm notícias (KEPEL, 2003).

A escolha do terrorismo, entre as mais diversas formas de contestação, é uma escolha racional onde os recursos e oportunidades de sucesso são calculados pelos grupos que optam pela violência política como meio de mudar a estrutura da sociedade ou o status quo. O cálculo é feito através da forma de como esses grupos veem o seu entorno e as oportunidades que lhes são oferecidos, e influenciados pela sua ideologia que norteia também seus objetivos e estratégia. Quanto menor os recursos que dispõe e apoio social têm o grupo social que contesta a ordem vigente, maiores são as chances de surgir uma campanha terrorista, isso ocorre porque o terrorismo necessita de poucos recursos financeiro, humanos e de uma pequena base de apoio social. O tipo de sociedade onde estão inseridos, urbana ou agrária, e a localização da sua base de apoio social, cidades ou campo, também influenciam a escolha, normalmente em sociedades agrárias a probabilidade do surgimento de grupos guerrilheiro é maior enquanto nas áreas urbanas o terrorismo tem mais chances de ocorrer (IBÁÑEZ,2006).

A racionalidade da escolha do terrorismo como forma de luta social também se estende as ações terroristas propriamente ditas. A racionalidade das ações vai ser ditada pela ideologia do grupo que as praticam, é ela que vai determinar os alvos a serem atacados, os métodos e os objetivos. Os alvos são escolhidos pelo seu valor

⁹Para uma discussão sobre o assunto ver Crenshaw, Martha. *Terrorism in contexte* Ibáñez, Luis de La Corte. *La Lógica Del terrorismo*

simbólico, capacidade de intimidação, valor propagandístico, capacidade de provocar uma reação desproporcional do adversário e ou de deslegitimar o mesmo e o método é o que tiver o menor custo com maior benefício causando o maior impacto possível na sociedade (ROFFMAN,1999)¹⁰.

A nossa definição de que grupo terrorista é aquele que faz uso do método terrorista de forma estratégica, serve para traçar a fronteira entre ele e outros grupos sociais que não tem o terrorismo como método preferencial. Nossa definição de grupo terrorista, por ser um modelo ideal, não tem a capacidade de definir os grupos que se encontram na fronteira do uso do terrorismo de forma estratégica ou tática, mas é um bom guia para analisar e definir os grupos que se encontram na fronteira de forma objetiva. Tendo isso em mente podemos analisar o *Boko Haram*¹¹ para vermos se ele é ou não um grupo terrorista.

4 O SURGIMENTO DO BOKO HARAM.

Grupo tem suas raízes na esteira da adoção da *Sharia*, iniciada em 1999 e concluída em 2002, nos estados nigerianos de maioria mulçumana localizados no norte numa tentativa de diminuir a radicalização na região, causada pela desigualdade social, corrupção das elites políticas e altas taxas de violência, visto que a lei islâmica com suas punições draconianas era percebida pela população como a solução de todos os problemas da região (BRIGAGLIA,2012). O núcleo do grupo, que viria formar o *Boko Haran*, conhecido na época como Talibã Nigeriano, insatisfeito coma forma parcial que a lei sagrada havia sido adotada e a subordinação dos juízes a um estado laico, liderados por Mohammed Ali declararão as cidades e o *stablishment* islâmico irremediavelmente corrupto e embarcaram numa *hégira*¹² para a cidade de Kanama, na fronteira com o Niger, onde fundaram uma comunidade em que se aplicavam os princípios salafistas e a *Sharia* e longe da sociedade corrupta (WALKER,2012).

Em dezembro de 2003 o grupo atacou a polícia e ocupou vários prédios públicos nas cidades de Kanama e Geiam, após uma disputa com a comunidade local sobre direitos de pesca numa lagoa da região. A ocupação só terminou com a intervenção do exército que matou 70 membros e o líder. Os poucos sobreviventes voltaram à Maiduguri onde se juntaram a um grupo de jovens liderados por Mohammed Yusuf, que havia participado das negociações para a adoção da *sharia*, onde

¹⁰ Sobre a racionalidade do Terrorismo ver também Buzan, Barry A evolução dos Estudos de segurança internacional, Ibánhez, Luis de La Corte La Lógica Del terrorismo, Reinares, Fernando Terrorismo y Antiterrorismo e Sorriano, Manuel R. Torres El ecos Del Terror

¹¹ Boko Haram, que em Hausa quer dizer literalmente ensino ocidental e pecado, e o nome pelo qual o grupo nigeriano e conhecido. O nome oficial do grupo é Jama'Atu Ahlis Lidd'awat sunna Wal-Jihad que numa tradução livre quer dizer Grupo para a pregação dos ensinamentos do profeta e da jihad (ZENN,2010)

¹² Saída de Maomé Meca para Medina onde criou a primeira sociedade Islamica.

fundaram sua própria mesquita. Lá eles iniciaram uma pregação contra os valores ocidentais e as escolas laicas vista como corruptoras do islã - por este motivo foram chamados pela população local de *Boko Haram* - e defendiam uma volta ao islã praticado na época do profeta e adoção plena da *Sharia* nos estados de maioria islâmica. A partir de 2004 ocorreu o ingresso de vários universitários que abandonaram os estudos para ingressar no grupo que se expandiu oferecendo ajuda comida e abrigo as pessoas necessitadas.

De 2004 até a morte de Yusuf em 2009 o grupo empreendeu uma série de ataques a delegacias, para roubar armas e munição e assassinatos de membros mulçumanos ligados ao governo, vistos como *Takirs*¹³ por servirem a um governo controlado por infiéis, de clérigos islâmicos que se opunham ao grupo, como no caso do assassinato, em 2007, de Ja'afar Mahmoud Adam que criticou o grupo e sua interpretação do Islã e previu uma confrontação com o Estado (WALKER,2012) e ações contra o consumo de álcool e quem atentasse contra a moral islâmica (COOK,2011). Apesar da violência política e dos ataques a delegacias o governo nigeriano deu pouca atenção ao grupo, visto pelo governo central como só um seita radical e nada diferente das práticas políticas da Nigéria onde os assassinatos de desafetos políticos são freqüentes (MCNAMEE,2012)¹⁴.

A segunda fase se inicia após o assassinato¹⁵ de Yusuf pelas forças de segurança em Maiduguri, na repressão ao grupo que se seguiu a uma série de ataques do Boko Haram as cidades de Bauchi e de Yobe, e quando 700 membros do grupo são presos (Walker 2012). Este evento e uma momento de inflexão, o gatilho, do grupo, que é quase extinto e passa a ser liderado por Abubakar Shekau, braço direito de Yusuf. Depois desta derrota os remanescentes se refugiam no Niger onde travam contatos com a Al Qaeda do Magreb Islamico e a Al-Shabab e recebem treinamento¹⁶.

Em setembro 2010 estes membros regressaram a Nigéria e libertam 700 membros da prisão dando início a uma série de ataques e atentados que vão dê de ataques a militares, passando por assassinato de policiais, professores e clérigos, cristãos e islâmicos a atentados a Escolas, Mesquitas e Igrejas (CTC *Sentinel* 2010 a 2013) com o intuito de deslegitimar o Estado, expulsar a minoria cristã, acabar com o ensino laico e intimidar os agentes do estado e opositores. Neste

¹³ Ímpios, herege.

¹⁴ No mesmo período a região do delta do Níger estava sendo assolada pelas ações do Movimento de Emancipação do Delta do Níger que com seus ataques conseguiu reduzir pela metade a exportação de petróleo (McNamee 2012)

¹⁵ Yusuf foi capturado vivo pelo exército e entregue à polícia que o matou, segundo ela numa tentativa de fuga. Pelo histórico da polícia nigeriana de execuções extrajudiciais e as mortes de policiais e seus familiares causado pelo Boko Haram e mais provável que tenha sido justificado, segundo Walker.

¹⁶Embora alguns pesquisadores, como Jacob Zenn, veja nesta conexão um alinhamento com o Jihadismo global, posição que não concordamos, porque a Al-Qaeda e suas filiais sempre treinaram grupos jihadistas locais sem que para isso eles tivessem que se filiar a Jihad Global (Gunaratna 2004) e seus objetivos permaneceram locais (COOK,2011).

período também se iniciam os atentados suicidas¹⁷ com o contra a sede da polícia nacional e da ONU em Abuja, em 2011. Estes atentados mostram que o grupo recebeu treinamento da AQMI, pois não existe histórico deste tipo de ataque na África subsaariana. O Boko Haram nesta fase tem se financiado atreves de assalto a bancos e seqüestros mediante resgate, diferentemente da primeira onde era financiado por grupos salafistas sauditas, que viam no grupo uma forma de diminuir a influência sufista na população nigeriana. Os objetivos do grupo nunca foram muito claros, muito por culpa dele mesmo que solta comunicados contraditórios, que vão da *implementação* da *Sharia* só no norte a extensão dela a Nigéria toda até a construção de um califado no país (WALKER,2012).

O Boko Haram, apesar de ter surgido num Estado onde 75% de sua população viva no campo opera principalmente em grande e medias cidades¹⁸ como Damaturu no estado Yobe, Kano no estado de Kano, Bauchi no estado de Bauchi e Maiduguri em Borno além da capital Abuja. A operação em meio urbano e uma das características dos grupos terroristas, isso se deve ao fato de ser fácil desaparecer nos centros urbanos e da concentração de escritórios e sedes de grupos de mídia. Fatos que aumenta a segurança e a repercussão dos atentados (HOFFMAN,1999).

A Nigéria além possuir grandes centros urbanos, tem uma péssima distribuição de renda, tem um IDH baixo, abriga 250 etnias diferentes e é dividida religiosamente quase meios a meio entre mulçumanos e cristãos, onde os primeiros se sentem prejudicados na distribuição das riquezas do país. Estes fatores formam criaram um ambiente favorável a contestação do governo nigeriano, mas o fator que radicalizou foi a percepção dos mulçumanos de não estarem recebendo a devida atenção do governo na distribuição da riqueza e das suas demandas não estarem sendo atendidas, fato que levou a violência em três ocasiões entre 1980 e 1999 (ZEEN,2012). Apesar da radicalização e da violência esporádica nas áreas islâmicas a aplicação da *Sahria* na região acalmou os ânimos, para os padrões nigerianos, até 2010.

A morte de Yusuf foi o gatilho que levou o Boko Haram a iniciar uma campanha terrorista contra o Estado nigeriano, embora ele usasse a violência dès da sua fundação. A escolha deste evento como fator que fez o grupo optar pelo terrorismo se deve ao fato de que no período entre 2002 e 2010 o grupo se comportou como a grande maioria dos atores políticos da região, onde o assassinato político e comum e se insere na luta pelo poder dos mais diversos grupos políticos como clãs, irmandades sufis e grupos étnicos. A partir da morte do seu fundador o grupo iniciou uma campanha terrorista sistemática

O Boko Haram na maior parte da sua história não se preocupou em ter o controle sobre uma área geográfica especifica ou desgastar as

¹⁷ O atentado suicida tem um poder simbólico muito grande, mostra a disposição de luta do grupo, e facilita o planejamento, retira do planejamento a extração do envolvido, momento de extremo risco para a célula que pratica um ataque convencional (HOFFMAN,1999)

¹⁸ A Nigéria apesar de agrária conta com oito cidades com mais de 1.000.000 de habitantes e outras 23 com mais de 300.000 habitantes

forças armadas nigerianas e seus alvos preferenciais foram civis não combatentes, por este motivo podemos considerá-lo um grupo terrorista. Depois da derrota dos grupos islamistas no Mali parece que o comportamento do grupo vem se modificando. A expulsão dos islamistas no Mali causou um afluxo de armas, veículos e pessoal treinado e com experiência de combate, nigerianos e de outras nacionalidades, para a área fronteira da Nigéria com o Níger e Chade. Onde o grupo tem tentado expulsar as forças de segurança das fronteiras noroeste do país na região dos estados de Borno e Yobe (ZEEN,2013).

5. TERRORISMO NOVO OU VELHO?

O Terrorismo ressurgiu com força durante a década de 1980, acompanhando as mudanças que ocorriam no mundo através da globalização. O choque dos valores ocidentais cristãos com outras culturas, após o fim da Guerra Fria, fez nascer um novo tipo de guerra. Não mais as guerras entre os Estados, derivados do sistema Westfaliano. Pelas normas, regras e institucionalização da guerra. Não uso de determinados armamentos e separação entre civis e militares. O que há hoje, são conflitos dentro dos próprios Estados, sem regras delimitadas, que muitas vezes se usa o poder de restringir o inimigo através da ameaça e do terror. Lembrar que essas guerras étnicas e de grupo ainda tem que resquícios da época colonial, principalmente na África e Ásia.

Com a bipolaridade da Guerra Fria ruída, as questões se tornaram latentes como as desigualdades sociais, o surgimento de novos atores do Sistema Internacional, a nova era da informação. Com isso o terrorismo se delineou adaptando-se aos novos dilemas da globalização, e através da invasão dos valores ocidentais cristãos, povos viram ameaçados os seus próprios valores locais. Mais precisamente o uso dessa dicotomia para justificar as desigualdades e os conflitos em vigência. Ao exemplo do Boko Haran, em que os líderes apregoaram a ameaça da cultura islâmica.

O terrorismo atual tende a surgir em regiões, onde a legitimação do Estado encontra-se ameaçado. Em lugares, em que dentro de determinados territórios estão diferentes etnias e grupos religiosos que antes estavam sob o escopo do sistema bipolar, mas que agora transcenderam no Sistema Internacional. Deslegitimando autoridades de seus governos, acusando-os de praticar a violência ou serem deixados de lado como foi o caso nigeriano. Em que o grupo islâmico estaria socialmente inferiorizado frente ao grupo cristão, invadidos pelas leis ocidentais.

Desde o ocorrido de 11 de setembro de 2001, nos Estado Unidos, os debates sobre o assunto terrorismo tem se intensificado. Sempre na intenção de encontrar esclarecimentos e garantir táticas eficazes, para logo depois combater esses grupos, que agem na ilegalidade do Estado. Pode-se afirmar que esse trágico acontecimento só não teve maiores proporções porque os terroristas não tiveram acesso a armas químicas, biológicas e nucleares.

Com base nesses novos acontecimentos, a autora Martha Crenshaw em sua apresentação no Encontro Anual da *American Political Science Association* em 2007, abriu um novo debate sobre o terrorismo. Separando-os em dois blocos, o “velho” e o “novo” terrorismo. Assim, como já foi mencionado, para muitos autores essa separação facilita o entendimento dos grupos, ajudando formalizar um conceito. Afirma ainda, que especialistas recém-chegados ao campo, julguem conveniente estudar o assunto a partir dos ocorridos após 1990. Deixando para trás, toda a história longa e complicada desse fenômeno, ou o “velho terrorismo”. Entretanto, todos os pontos apresentados são fracos, para que essa tese chegue ao fim.

A compreensão de que há “novo terrorismo”, estaria ligado ao campo religioso. Que teve seu início, com o crescimento de movimentos radicais islâmicos, após a Revolução Iraniana, em 1978. Especialmente com a reação ao uso de ataques suicidas no Líbano, que começou no início de 1980. Desde então inúmeras ações desse âmbito tem se repedido constantemente.

O *spread* global de atentados terroristas contra civis, desde o ano de 2003. Tem contribuído para o protótipo, de que os ataques terroristas, tem se fundamentado na religião. Contudo, é necessária uma base empírica, para que se possa aceita-lo como auto-evidente. Argumentar se há um profundo conhecimento sobre o antigo terrorismo, ou se a compreensão da nova onda terrorista, não é o principal. Sendo que, as mudanças que ocorreram, são carentes de serem delineados.

As inúmeras definições a respeito do conceito sobre o terrorismo, também são alvo de estudos. É certo afirmar que esses grupos agem estrategicamente, e com táticas muito bem aplicadas, porém seu objetivo final não é a violência em si, mas a mensagem que se tem por ideologia ser transmitida, principalmente às autoridades dos Estados.

Esse “novo” terrorismo ou “onda religiosa” está ligado a uma ideologia radical e a violência está no centro de suas crenças, sem o menor respeito pela vida humana. Seus objetivos imutáveis de escravizar nações e intimidar o mundo.

Todavia, os adeptos da teoria do “novo” terrorismo, comandado pelos autores Steven Simon e Daniel Benjamin, citados no debate de Crenshaw, sustentam algum indefinido sobre se a violência é uma “estratégia”. Para eles os novos atores usam o terrorismo estrategicamente e não taticamente, sendo então matar como um fim em si. Esse pressuposto de pensamento é que em vez de optar entre vias alternativas para alcançar fins políticos, os novos terroristas buscam principalmente para matar. A letalidade é sua intenção ao invés de seu meio.

A questão abordada está na diferença observada no objetivo do “velho” terrorismo em contrapartida ao “novo”, é o fato de a negociação ocorrer. Suas ambições eram locais e não global. Suas ações tinham a intenção de conquistar algo, no âmbito nacional ou questões territoriais.

Estes terroristas podem ser definidos como “terroristas compreensíveis”. Apesar de todo o ódio que tinham contra seus

inimigos, os “velhos” terroristas podiam hesitar em certos ataques temendo reações e também por irem contra suas tradições.

Há outro ponto discutido por Crenshaw em seu debate, relacionado aos meios usados pelos “novos” terroristas. Partindo do ponto que o novo terrorismo não se utiliza de limites, assim também são os meios que esses grupos, defendendo essas metas, estão propensos instruídos para usar. Com a dedicação a causar o maior número de baixa entre seus inimigos, esse novo terrorismo, descrito por Walter Laqueur, é diferente e sem caráter, visando não uma estratégia, claramente definida sem demandas políticas, mas a destruição da sociedade para a eliminação das grandes camadas da população.

Atos criminosos pretendidos ou calculados para provocar um estado de terror no público em geral, num grupo de pessoas ou em indivíduos para fins políticos são injustificáveis em qualquer circunstância, independentemente das considerações de ordem política, filosófica, ideológica, racial, étnica, religiosa ou de qualquer outra natureza que possam ser invocadas para justificá-los. (Declaração sobre Medidas para Eliminar o Terrorismo Internacional – Resolução 49/60 da Assembleia Geral, para. 3)

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Como afirmou, M. R. L. Smith (2005), na medida que você não define uma ameaça específica, não identifica um inimigo de forma precisa e, portanto, não define fins realizáveis, a guerra contra o terrorismo é uma guerra contra a guerra e no mais, a consequência imediata do conceito “Novas Guerras” foi deixar o governo mal preparado para lutar uma nova era de guerras de baixa intensidade.

A partir da qualificação de um ator como terrorista, concluímos que deve ser feito uma análise para verificar como agente usa a violência, pois quanto a sua forma, podemos distinguir o que esse ator realmente é.

Outra consideração é a ineficácia do uso da força. Durante a operação internacional no Afeganistão, destacou-se a terminologia “*Hearts and Minds*”, como resposta a complexidade daquele cenário. Este conceito é, em síntese, uma forma de você conquistar a empatia de seus inimigos e em alguns casos, foi um sucesso, entretanto, cabe lembrar que é necessário um incremento maior de sua tropa no local, o que necessariamente aumentará suas baixas (PORTER, 2009).

Assim sendo, a hipótese do artigo foi confirmada, pois as ações do governo nigeriano, não conseguiram estabilizar a região e nem diminuir a influência do Boko Haram, pois, além de qualificar o movimento de acordo com uma concepção exógena, ainda há o recurso ao uso da força de forma arbitrária e por último, geram publicidade à organização.

REFERÊNCIAS

ALOAN, Hanan. **Countring Palestinian terrorism in Israel: Toward a police analysis of countermeasures.** Santa Monica: Rand Corporation, 1980.

BRIGAGLIA, A; Refection on Boko Haram **Annual Review of Islam in Africa** Cidade do Cabo v. 11 n. 11 p 35-44 2012

BURLEIGH, Michael; **Sangre y rabia una historia cultural Del terrorismo.** Tradução por Miguel Martinez-Lage. 1º ed. Madri Santillana Ediciones Generales, S. L. 2008 735 p. tradução de Blood & Rage. A Cultural History of Terrorism.

BUZAN, Barry; HANSEN, Lene. **A evolução dos estudos de segurança internacional.** São Paulo: Unesp Editora, 2012.

CARR, Caleb; **Las lecciones Del terror, Orígenes históricos Del terrorismo internacional.** Tradução por Jordi Vidal 1º ed. Barcelona: Ediciones B, S. A. 2002 254p. tradução de The Lessons of Terror

COOK, D.; The Rise of Boko Haram in Nigeria **CTC Sentinel**, West Point v. 4 n. 9 setembro de 2011 disponível em www.ctc.usma.edu . acesso em : 20 de maio de 2013.

CLAUSEWITZ, Carl Von. **On war.** Princeton: Princeton University Press, 1989.

CRENSHAW, Martha; (org) **Terrorism in context.** 1º ed University Park: The Pennsylvania State University Press 1995 610 p.

GUNARATNA, Rohan; **No interior da Al-Qaeda, rede global do terror.** Tradução por Helena Fale Chora. 1º ed. Lisboa: Relógio D'Água Editores 2004. 397 p. tradução de Inside Al Qaeda – global network of terror

HOFFMAN, Bruce; **A Mano Armada historia Del terrorismo.** Tradução por Clara Morán Calvo-Sotelo 1º Ed. Madri: Editorial Espasa Calpes S. A. 359 p. tradução de Inside Terrorism

HIRST, Paul. **Debating governance, authority, steering and democracy.** Oxford: Oxford Press, 2000.

IBÁÑEZ, Luis de la Corte; **La lógica del terrorismo.** 1º ed. Madri: Alianza editorial S.A. 2006. 403 p.

JORDÁN, Javier.(org) **Los orígenes del terror: Indagando em las causas del terrorismo.** 1º ed. Madri: Editorial Biblioteca Nueva, S. L. 2006. 259 p.

KALDOR, Mary. **New and old war: organized violence in a globalized era**. Londres: Polity Press, 2001.

KEPA, Aulestia; **Historia General Del terrorismo**. 1º ed. Madri: Santillana Ediciones Generales, S. L. 2005 375p.

KEPEL, Gilles; **Jihad: expansão e declínio do islamismo**. Tradução por Lais Andrade. 1º ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército 2003. 572 p. tradução de: Jihad.

MEARSHEIMER, John J. **A tragédia da política das grandes potências**. Lisboa: Gradiva: 2001.

MC GREGOR, Andrew; **Central African Militant Movements: The Northern Nigeria, Niger, Chad, and Cameroon Nexus**. em Jamestown Foundation **Instability in Nigeria: The Domestic Factors** Washington: Jamestown Foundation 2012 40 p Disponível em : www.jamestown.org . Acesso em: 03 de junho de 2013

MCNAMEE, Mark; **The Niger Delta & The Movement for the Emancipation of the Niger Delta (MEND)**. Jamestown Foundation **Instability in Nigeria: The Domestic Factors** Washington: Jamestown Foundation 2012 40 p Disponível em: www.jamestown.org . Acesso em: 03 de junho de 2013

M. R. L. SMITH. **Rethink the Nature of War**. Londres: Frank Cass, 2005.

MUNKLER, Herfried. **On news wars**. Oslo: Norwegian Institute for Defence Studies, 2007.

PORTER,Patrick. **Military Orientalism Eastern War Through Western Eyes**. Columbia: Columbia University Press, 2009.

RAPAPORT, Devid C.; **Las cuatro Oleadas Del terror insurgente y El 11 de septiembre** em REINARES, Fernando e ELORZA, Antonio. (orgs) **El nuevo terrorismo Islamista**. 1º ed. Madri: Ediciones Temas de Hoy, S. A. 2004 335 p.

REINARES, Fernando; **Terrorismo y Antirerrorismo**. 1º ed. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, S.A. 1998 230 p.

_____ ; **Terrorismo Global**. 1º ed. Madri: Santillana Ediciones Generales, S.L. 2003 173 p.

_____ ELORZA, Antonio. (orgs) **El nuevo terrorismo Islamista**. 1º ed. Madri: Ediciones Temas de Hoy, S. A. 2004 335 p.

SORIANO, M. R. T., **El eco Del Terror**. 1º Ed. Madri: Plaza y Valdés Editores. 2009 390p.

SOLOMON, Hussein. Counter-Terrorism in Nigeria: Responding to Boko Haram. **Rusi Journal**, Vol. 157, nº4, 2012.

SMITH, Rupert. **The utility of forc: the art of war in the modern world**. Londres: Penguin Books, 2005.

SCHUURMAN, Bart. Clausewitz e os Estudiosos da “Nova Guerra”. **Military Review**, vol.113, 2011.

STERN, Jessica. Terror em nome de Deus: Porque os militantes religiosos matam. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.

TANDE, Dibussi. **Beyond Boko Haram: The Rise of Radical/Militant/Extremism Islam in Nigeria & Cameroon** em Jamestown Foundation **Instability in Nigeria: The Domestic Factors** Washington: Jamestown Foundastion 2012 40 p Disponível em : www.jamestow.org . Acesso em: 03 de junho de 2013

VILLALBA, Aníbal; **El terrorismo revolucionário de extrema izquierda em Europa** em Jordán, Javier. (org) **Los Orígenes Del terror**. 1º ed. Madri: Ediciones Biblioteca Nueva S. L. 2004 259 p.

WALKER, A. What is Boko Haram?. **United staes Institute of peace Special Report**, Washington 2012 disponível em www.usip.org acesso em 1 de maio de 2013

ZENN, Jacob; **Instability in Northern Nigeria: The View from the Ground** em Jamestown Foundation **Instability in Nigeria: The Domestic Factors** Washington: Jamestown Foundastion 2012 40 p Disponível em : www.jamestow.org . Acesso em: 03 de junho de 2013

_____; Boko Haram’s evolving tactics and alliances in Nigeria **CTC Sentinel**, West Point v. 6 n. 6 junho de 2013 disponível em www.ctc.usma.edu . acesso em : 30 de junho de 2013